

«Todo artista é a expressão de um público. Eu só tenho preconceito com coisas desonestas, corruptas e ilegais»

A terceira não existe. É porque não há sintonia. Graças a Deus, hoje em dia, fico sempre na primeira. Sou amigo de mãe Stella de Oxóssi e, numa conversa, ela me disse: "Sua profissão é igual à minha. Somos dois feiticeiros".

Já pensou em trabalhar com publicidade?

Nunca gostei. Não por uma questão de ética. É porque não tem a ver comigo mesmo. Já tentei, me chamaram várias vezes, mas não dá. Sou muito ligado à parte artística, que é algo onde vejo mais liberdade. Para mim, essa palavra é fundamental. Se você tem liberdade de expressão, pode fazer qualquer coisa. Quando vou trabalhar com alguém, pergunto: vai me dar liberdade? Porque quando alguém fica dizendo "faça assim", "faço assado", é melhor fazer por conta própria. Me chamou por quê? Tem muita gente que só quer a assinatura num trabalho já pronto.

A escola técnica de artes com Marisa Orth veio para atender a alguma inquietação pessoal?

No Brasil, nossa revolução virá pela educação das pessoas de uma maneira consistente, com qualidade e profundidade. Os museus ajudam muito. Lançam uma fagulha do conhecimento. Como é a gente pode contribuir? Não adianta

ter sorte, você tem que dividir. É preciso fazer alguma ação aqui. Viajando pela Índia, eu e Marisa tivemos a ideia de montar a escola numa área em que temos influência porque podemos abrir caminhos para muita gente. Escola, hoje em dia, tem que ser alguma coisa ligada a trabalho. O jovem é cobrado para ser produtivo e, rapidamente, ter dinheiro. A família pobre já quer que o garoto traga dinheiro amanhã, então, não faz faculdade e vai trabalhar em qualquer coisa. Os jovens me procuram sempre porque veem como uma referência visual, mas quero que essa referência funcione como um atrativo para ele se educar. Hoje em dia, o mundo quer profissionais múltiplos. Profissionais que saibam fazer muitas coisas. A gente pensou a escola para dar uma iniciação na arte, uma profissão técnica e, rapidamente, colocar ele trabalhando. Já passaram mais de dois mil alunos por lá.

Eles aprendem que é possível viver, profissionalmente, de arte no país?

É bem difícil viver artisticamente, seja no Brasil ou em qualquer lugar do mundo. É uma coisa difícil porque apenas alguns são escolhidos, entendeu? Então, na verdade, você tem que diversificar. Pode trabalhar com arte, mas tem que ter um guarda-chuva maior. Como vim de família pobre, nunca quis ter apenas uma profissão. Queria ter umas cinco. Eu pensava assim: se essa aqui der ruim, pulo para outra.

Sua parceria com grupos que trabalham com inclusão social de jovens, como Afro-reggae e Central Única das Favelas (Cufa), também indica essa preocupação com a educação?

Minha vontade de participar sempre foi grande. Através da influência visual que tenho, procurei dar voz a coisas que não estão sendo ouvidas. É o que mais me motiva: trabalhar com grupos que, às vezes, não sabem se representar de uma maneira forte. Por isso, me juntei ao Afro-reggae, pensando em como íamos apresentar aquelas ideias nos shows. E também estive dez anos com a Cufa, fazendo a imagem das periferias com essa força importante. É o tipo de trabalho delicioso de fazer porque você aprende. A gente fica mais velho e só faz o tipo de coisa que dizem: "Ah, você é especialista nisso". Não quero ser especialista em nada, quero aprender enquanto estiver vivo. «



2018
na sua vida

Odalía mais famosa da Bahia ganhou o prêmio como melhor em casos amorosos. Afasta pessoas indesejadas, Odalía resolve casos de: Saúde, negócios, todos os tipos de vícios, filhos problemáticos, separação.

Só Odalía revela a sua vida sem precisar falar nada.

LIQUE MARQUE SUA CONSULTA SIGILO TOTAL

71 3240-3100/ 71 3015-8537

Tim 71 - 99147 -4030

Claro 71 - 98633-6787

Rua Achibaldo Balleiro, 472, Edf. Nascor Borges, Rio Vermelho - Salvador- Ba.